



A questão de gênero no livro didático no período da ditadura Militar

Dinorah Amaral Matte *

Resumo: A apresentação se propõe a analisar pelo menos três livros didáticos utilizados no período que compreendeu a ditadura militar no Brasil, de 1964 a 1985, e como estes livros abordam a questão de gênero, ou se elas não são identificadas em nenhum momento na sua abordagem histórica. O livro didático além de material de apoio aos professores em sala de aula apresenta-se como um meio, e muitas vezes o único, de acesso à formação e a informação, por esse motivo analisar as diferentes abordagens assumidas por eles na questão de gênero ajudam a entender a formação da consciência coletiva de uma comunidade ou nação, visto a abrangência nacional do mesmo. Os referidos livros foram escolhidos pelo critério de estarem enquadrados como de ampla utilização no período pesquisado, nas salas de aula de Santa Vitória do Palmar. O objetivo é buscar através da análise dos referidos livros didáticos como foi construída a consciência social em relação à questão de gênero nesse período, principalmente do gênero feminino, levando em conta que mesmo nos livros atuais a abordagem do tema é escassa. Por esse motivo buscamos observar como ao decorrer do tempo e especialmente no período da ditadura militar a abordagem explícita ou implícita nos livros didáticos contribuiu para enraizar na construção da sociedade uma mentalidade do que é feminino e do que é o masculino e os espaços que cada um deve ocupar na construção da sociedade, simplificando as relações humanas apenas na questão do sexo ser masculino ou feminino.

Palavras-chave: práticas discursivas; sociabilidade; sensibilidades.

Abstract: The presentation purposes to analyse at least three textbooks used in the military dictatorship period between 1964 and 1985, and how these books approach the genres or if they aren't identified in any moment at its historic approach. The textbook beyond teachers supporting material in classes, presents itself as a medium, and many times the unique, of formation and information access, because of this motive, analyzing the different approaches assumed by them in genre issue, help to understand the collective conscience formation of a community or nation,

* Mestranda em História Profissional da Fundação Universidade Federal do Rio Grande - FURG



seeing the national coverage of it. The referred books were chosen by the criterion of being as of wide utilization during the studied period, in the Santa Vitória do Palmar classrooms. The objective is to search through the referred textbooks analyses how was constructed the social conscience regarding the genre issue on this period, mainly of the feminine genre, seeing that even in actual books the theme's approach is scarce. Because of it we try to perceive how as time goes by and specially in the military dictatorship period the explicit or implicit approach in textbooks contributed to root in society's construction a mentality of what is feminine and what is masculine and the places that each one has to occupy in society's construction, simplifying the human relations just in matter of the sex being masculine or feminine.

Keywords: discursive practices; sociability; sensitivities.

1- Gênero e o Livro didático:

No presente momento, novas questões se tornaram centro de discussões no ensino, como diversidade, sexualidade e gênero. O último tema se destaca nesse contexto devido às transformações sociais pelas quais a atual sociedade tem passado e vivenciado. Nessa perspectiva, nos perguntamos como as questões de gênero foram trabalhadas nos manuais escolares especificamente de História em tempos passados? Se fossemos nos propor a analisar em todo o passado, o intento seria demasiado longo e impossível de ser realizado, dessa forma, optamos por delimitar, estabelecer um foco principal de análise e nosso olhar foi direcionado para o período que compreendeu a chamada “ditadura militar” no Brasil, exatamente porque durante esse regime o ensino de História foi diluído e até supervisionado dentro de outro modelo que incluía os conhecimentos de História e Geografia em uma única disciplina.

Até o ano de 2001, mesmo após o fim do regime militar, a disciplina que foi intitulada Estudos Sociais ainda continuou ministrada e livros didáticos eram publicados. Nessa disciplina os conteúdos tanto de História quanto de Geografia eram resumidos e até suprimidos. Tal cenário contribuiu para a formação de gerações que se sentiam e sentem distantes dos saberes Históricos. Portanto, a partir dessa percepção, no presente artigo propomos analisar como as questões de gênero foram representadas nos conteúdos de História em três livros didáticos utilizados no período que compreendeu a ditadura militar no Brasil, de 1964 a 1985. Sendo assim, o objetivo é buscar através da análise dos referidos livros didáticos a percepção de como foi representada à



questão de gênero nesse período, principalmente do gênero feminino, levando em conta que mesmo nos livros atuais a abordagem do tema é escassa. Por esse motivo entendemos que ao buscar compreender como tal representação no período da ditadura militar foi proposta em manuais didáticos utilizados nas escolas, contribuiremos para o entendimento de que a abordagem explícita ou implícita dos temas de gênero nos livros didáticos influenciou para a construção de mentalidades do que é feminino e do que é o masculino e dos espaços que cada um deve ocupar na construção da sociedade. Essa visão simplifica as relações humanas a partir de uma definição dos papéis sociais. Na mesma direção, questionamos: Como estes livros abordaram a questão de gênero? ou se elas não são identificadas em nenhum momento na sua abordagem histórica?

1.1- Livro Didático:

Para responder a problemática proposta, primeiramente, precisamos ter em mente, como analisou Ana Maria Monteiro (2009) e Circe Bittencourt (2011) que o livro didático além de um material de apoio ao professor em sala de aula, também deve ser compreendido como uma fonte de saberes transpostos didaticamente, que muitas vezes o único acesso a informação disponível para os alunos e seus familiares. Como afirmou Heloisa Dupas Penteado, os livros didáticos são “... o material disponível, e de uso generalizado em nossas escolas, muitas vezes até por ser o único material impresso de que o aluno e até mesmo a escola e o professor dispõem”(PENTEADO, 2010: 234). Penteado em sua afirmação amplia o olhar e chama a atenção para o fato de que o livro didático não é um material fundamental por ser muitas vezes o único disponível apenas para os alunos, mas também o é para os docentes, ou seja, ele é fonte didática, mas também de atualização e estudo para os docentes. Em paralelo, afirmou Circe Bittencourt, que os livros didáticos são “os mais usados instrumentos de trabalho integrantes da ‘tradição escolar’ de professores e alunos, fazem parte do cotidiano escolar há pelo menos dois séculos” (BITTENCOURT, 2011: 299). Conforme proposto pela análise da autora, o manual didático ocupa hoje uma posição de destaque dentro dos processos de ensino e das estruturas de aprendizagem, pois nem alunos e muito menos professores estabelecem suas relações de ensino-aprendizagem distantes dos livros didáticos. Isso porque, segundo Ana Maria Monteiro, os livros



didáticos são utilizados pelos docentes “... como fonte de orientação para explicações desenvolvidas nas aulas, como apoio ao planejamento e sugestões para avaliações, como material de estudo e atualização (MONTEIRO, 2009: 175). Novamente, vemos a afirmação de que o livro didático conquistou a função de fonte de consulta, mas também devemos percebê-lo enquanto um recurso lúdico que através das imagens apresenta conteúdos. Diante dessa constatação das autoras, compreendemos que analisar as diferentes abordagens representadas nos livros didáticos de História, especificamente a questão de gênero, ajuda a entender as inferências propostas nesse material que podem ser a base de formação de consciências coletivas, visto a abrangência mesmo.

2- A análise e os temas

Para a produção do referido artigo foi feito previamente a leitura de três livros didáticos utilizados em sala de aula na cidade de Santa Vitória do Palmar. Dois dos referidos livros foram de uso escolar da autora: No ensino de 1º grau o livro de História do Brasil de Borges Hermida, no curso Técnico de Contabilidade em nível de 2º grau o livro História econômica e Administrativa do Brasil. O Livro História Geral—da pré-história aos últimos fatos de nossos dias era utilizado nos cursos de 2º grau denominados Científico. Os referidos livros foram escolhidos pelo critério de estarem enquadrados como de ampla utilização no período pesquisado, nas salas de aula de Santa Vitória do Palmar.

Após essa leitura, e a análise de diversos artigos que contextualizam a ditadura militar e a abordagem da mesma nos livros didáticos, assim como a participação da mulher e a sua apresentação nesse período nos livros utilizados nas escolas, serviu para a observação da sua invisibilidade nos livros didáticos e a construção de uma consciência étnica do papel que as mulheres brancas e as negras ocupavam na sociedade e também a utilização da história tradicional para a abordagem da valorização dos vultos históricos e principalmente militares na formação do Brasil.

Sendo assim, para a análise dos conteúdos dos livros de História foram selecionados três títulos, como já citado: “Compendio de História do Brasil de Borges Hermida, 1968”;



“História Geral de Osvaldo Rodrigues de Souza, 1978”; “História econômica e administrativa do Brasil de R. Haddock Lobo, 1969” são uma amostra de como a questão de gênero era abordada ou não em livros de História do Brasil e História Geral nos livros didáticos utilizados no período da ditadura militar. Os referidos livros faziam parte do Ensino Fundamental, Ensino Médio Científico e Ensino Médio Técnico.

Com o intuito de compreendermos essas obras enquanto fontes para a nossa análise, buscamos perceber seu processo de transposição didática e a definição do mesmo. Assim, por didatização, Segundo de acordo com Fonseca, entendemos a simplificação que o conhecimento acadêmico passa até se tornar palatável para os alunos da educação básica (FONSECA, 2010, p.53). Por isso, muitas coisas ficam omitidas dessa historização simplificada normalmente por interesses que caracterizam uma época. Na esteira dos debates, para Proto e Silveira:

didatizar significa também silenciar acerca de determinados temas. O silêncio, um dispositivo de poder, cria, reforça e reproduz estereótipos. Aceitando que o livro de história é um artefato discursivo capaz de (re) produzir saberes que orientam os sujeitos sobre o passado, entendemos que o comum silêncio desse material em relação às questões dos gêneros omite a historicidade das relações de poder e dos arranjos sociais responsáveis por “engendrar” os sujeitos (2012, p. 104).

Portanto, como analisou o autor, podemos perceber que os conteúdos de História e suas potencialidades analíticas ao passarem por processos de didatização podem perder bases e sofrer silenciamentos. Essa constatação nos auxilia a compreender os processos de supressão de determinados conteúdos dos livros didáticos de História e suas simplificações em muitos momentos, como nos materiais que aqui analisamos.

Ao adentrarmos a análise propriamente dita de nossas fontes, iniciamos pelo livro de História econômica e administrativa do Brasil do autor Haddock Lobo, no qual verificamos em toda sua leitura que não há referência a figura feminina em nenhum momento. É um livro voltado para a formação da economia nacional, desde as condições econômicas que levaram a Europa as grandes navegações até a implantação da indústria no Brasil no governo do Presidente Arthur da Costa e Silva. Os destaques nos conteúdos de História, nessa obra, são a todos os vultos masculinos que construíram a economia brasileira, destacando-se os homens que ocupavam altos cargos no comando, pontuando assim de forma adjetiva suas: “generosidades”, “inteligência” e “magnitude pessoal”, pois esses eram os que tomavam decisões acertadas para o



desenvolvimento do país.

Podemos perceber nessa primeira obra analisada que esse enaltecimento dos vultos masculinos esta diretamente representada por expressões como “energia” e que tal qualidade contribuiu para a pacificação nacional. Podemos perceber isso no item que fala sobre a economia no início da era Republicana no livro de R.Haddock Lobo :

Não foram muito tranquilos os primeiros anos da República. Logo de início surgiram sérias desinteligências entre os elementos militares e civis colocados à testa do governo. As lutas delas decorrentes só cessaram em 1894, *graças à energia* do Marechal Floriano Peixoto, que assumira a chefia da nação após a renúncia do primeiro presidente, Marechal Deodoro da Fonseca (p. 142)

Conforme apresentado na citação, o Marechal Floriano Peixoto teria exercido enquanto “chefe” da nação o papel de pacificador e líder enérgico. A última característica conferiria ao Marechal uma representação assertiva e firmada sobre uma áurea “masculina”, afinal, ele enquanto “homem” teria demonstrado energia suficiente para controlar as crises que o país passava, afinal ele tinha “energia”. Portanto apesar de não termos localizado em toda a narrativa do livro didático representações femininas, vemos a questão de gênero bem tratada em relação a idealização do masculino no líder.

Diferentemente, no livro de Osvaldo Rodrigues de Souza sobre História Geral (p.230) temos citações referentes à figura feminina, especificamente no conteúdo referente ao Absolutismo Inglês, quando são apresentados “Os Tudors”. Entretanto, como característica de todo o livro, os relatos são breves. Ainda notamos que as figuras femininas, por estas terem chegado ao poder através de casamentos ou herança, era em sua maioria integrantes da nobreza.

Entre elas, o autor referencia:



F1 Maria Tudor



<http://www.kaisergruft.at/anhang/images/mariatudor.jpg>

“Maria, a Sanguinária, filha de Henrique VIII e Catarina de Aragão, restaurou o catolicismo. Casou-se com Filipe II, rei da Espanha, temido e odiado pelos ingleses. Morreu desprezada pelo marido e pelo povo” (p, 230).

O relato é breve e intenso, pois conclui que a mesma fora “desprezada” por todos. Sem explicação alguma, Maria Tudor foi apresentada como “a sanguinária”, a desprezada, dentro de uma representação negativa do papel da mulher nos processos políticos.

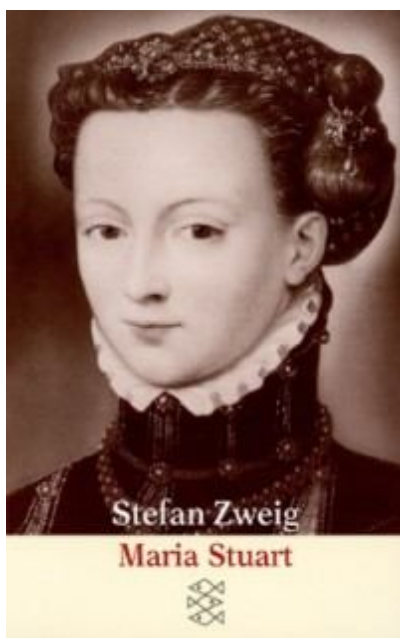


F₂ Elizabeth I

http://famous.y2u.co.uk/Famous_People_Images_2/Elizabeth_I_Armada_Portrait.jpg

Num outro item na mesma p.230 ao referir-se a Elizabeth I o autor diz: “Isabel, filha de Henrique VII e Ana Bolena, implantou definitivamente o protestantismo na Inglaterra. Combateu Felipe II da Espanha. Mandou executar Maria Stuart, sua prima rainha católica da Escócia” (p. 230).

De forma diferente, o autor em narrativa brevíssima resume a trajetória de Elizabeth I a uma rainha capaz de executar uma mulher. Novamente não vemos explicação do processo histórico. Ainda, na esteira dos acontecimentos, o autor, na p.231 apresentou um breve relato da personalidade das duas: Isabel e Maria Stuart. Sobre Isabel diz: “*enérgica, autoritária, instruída protegeu as letras, as artes e o comércio*” (p. 231). Elizabeth, na narrativa do autor, foi representada como autoritária, instruída e micenas, mas primeiro enérgica.



F₃ Maria Stuart

http://media.buch.de/img-adb/02929056-00-03/maria_stuart.jpg

A respeito de Maria Stuart o autor disse que: “*ela teve a infelicidade de se refugiar na Inglaterra junto a sua prima Isabel que, depois de mantê-la presa durante 19 anos, executou-a. Isabel temia que os católicos fossem substituí-la por Maria Stuart*” (p. 231). Nessa citação Maria Stuart aparece como uma indefesa que teve a infelicidade de se refugiar junto a sua algóz.

As apresentações das mulheres nesse livro são meramente representativas do poder, em seu privado dispõe de tudo o que seja possível e passível de ser aceito para sua permanência no poder. Elas se alinhariam com a intenção de moldar os cidadãos com os padrões vigentes de autoridade, poder e enalteceriam os personagens que faziam parte do comando do país em referência.

Segundo Roger Chartier as representações sociais seriam leituras de mundo de que o indivíduo constrói a partir das suas vivências, sendo assim as manifestações representadas nos livros didáticos no período da ditadura militar no Brasil serviram para que a sociedade se apropriasse das intenções instituídas pelo governo, através dos conteúdos presentes nos livros de História do período. Para Chartier (1986)

[...] como esquemas ou conteúdos de pensamentos que, embora enunciados de modo individual, são de fato condicionamentos não conscientes e interiorizados que fazem com que um grupo ou uma sociedade partilhe, sem que seja necessário



explicitá-los um sistema de representações e um sistema de valores (CHARTIER, 1986.p37)

Ou seja, nas palavras do autor, nem sempre os conteúdos dos livros didáticos podem ser compreendidos enquanto representações manipuladas intencionalmente, mas devem ser percebidas também enquanto falseamentos não conscientes que se enquadram dentro de condicionamentos culturais e sociais de uma dada época.

No livro de Antonio José Borges Hermida, “Compendio de História do Brasil” de 1968, depois de uma análise textual nada foi encontrado em relação à participação da mulher na formação do povo brasileiro seja no âmbito cultural, político, econômico e social.

Algumas imagens que retratam a figura feminina são:



F₄ O casamento de D. Pedro I com D. Amélia é representado na (p.178) num quadro de Debret;

<http://veja.abril.com.br/311007/imagens/radar2.jpg>

A representação da mulher indígena da tribo dos Coroados, desenho de Rugendas (p.68), na (p.88) tem um desenho de Debret que retrata escravas vendendo angu. Na (p.162) mostra uma figura onde mulheres brancas passeiam de num tipo de carruagem nos arredores do Rio de Janeiro conduzidas por um escravo; na (p.167) num outro desenho de Rugendas aparece mulheres e homens escravos no preparo da mandioca.



F₅ Na (p.238) o quadro de Rugendas retrata negros escravos carregadores de água, inclusive as mulheres negras.

<http://www.terrabrasil.org.br/SGA/fotosga2/grav4.jpg>

No quadro de Francisco Moreaux na (p.242) representa D. Pedro II em visita a um hospital, pode-se observar no quadro a figura feminina, de mulheres brancas como religiosas que ali trabalhavam. Já na (p.271) há uma aquarela de Rugendas representando as Negras do Rio de Janeiro, a gravura ilustra o texto sobre “A campanha abolicionista e seu triunfo”.

Com essas observações de imagens foi possível detectar a construção da imagem feminina seja como trabalhadora ou pela questão étnica empregada de forma velada nas representações e porque não dizer a sua invisibilidade perante os fatos retratados. A mulher branca e da elite aparece em passeio, casando e numa profissão que elas como religiosas poderiam exercer que é a de enfermeira. Já as mulheres negras aparecem em atividades mais rústicas, pesadas e sempre inferiorizadas. Mas em nenhuma das representações citadas, seja das mulheres brancas ou negras, a participação delas nos livros do período da ditadura é significativa, mas define socialmente o que era reservado a cada uma delas.

A superficialidade com que os assuntos de formação da sociedade brasileira, sua política e economia eram apresentados nos livros didáticos de História do período não é por acaso, conforme LIMA E FONSECA:

O programa curricular imposto durante o Regime Militar, com a Reforma do ensino de 1971, impunha um ensino diretivo, acrítico, no qual a História aparecia como uma sucessão linear de fatos considerados significativos, predominantemente políticos e militares, com destaque para os grandes nomes”, os espíritos positivos que conduzem a História. (2007, p.55)

A partir do ensino de uma História linear, como afirmou Lima e Fonseca, o regime



empreendia um projeto de controle da crítica social. O que não foi de toda a forma hegêmonio e eficaz, pois as críticas não cessaram e conforme se intensificaram contribuíram para o regime ruir.

Entretanto, e possível perceber através das leituras, a significância dos livros didáticos na (re) construção de uma cultura. Devido a sua abrangência e os diversos caminhos de influência que passam na construção desse material de uso nacional, sejam elas dos interesses políticos, econômicos, nacionais e internacionais, tendência histórica do autor, da editora e dos próprios professores ao adotarem determinado livro em detrimento de outros, estão construindo ou reconstruindo a história de uma sociedade.

Através dele as diversidades culturais, a construção de uma identidade, os saberes históricos e toda a gama de informação que constituem a formação cultural de um povo podem ser valorizadas ou não e mesmo serem omitidas. Sendo assim o livro didático é algo comprometido com a ideologia dominante e através dele os valores de uma época são perpetuados de forma explícita ou implícita na educação.

Fontes:

HERMIDA, Antonio José Borges. **Compendio de História do Brasil**. 53ªed. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 1968, p.340.

LOBO. R. Haddock. **História Econômica e administrativa do Brasil**. 16ªed.rev. e atualizada. São Paulo: Atlas S/A, 1969, p.196.

SOUZA. Osvaldo Rodrigues de. **História Geral da Pré-História aos últimos fatos de nossos dias**. 17ªed.rev. e atualizada. São Paulo: Ática, 1978, p.369.

Referências:

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In: **O saber histórico na sala de aula**. 11 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CHARTIER, R. **A história cultural**. Entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL. 1986.

FONSECA, S.G. **Didática e prática de ensino de história**. São Paulo: Papyrus, 2003.

LIMA E FONSECA, Thais Níves de. O Ensino de História do Brasil: concepções e apropriações do conhecimento histórico (1971-1980). In: CERRI, Luiz Fernando (org.). **O Ensino de História**



e a **Ditadura Militar**. 2ªed. Aos Quatro ventos, 2007.

PRIORI, Angelo. **O Ensino de História durante a Ditadura Militar**

MONTEIRO, Ana Maria. Professores e livros didáticos: narrativas e leituras no ensino de história. In: ROCHA, Helenice Aparecida Bastos, REZNIK, Luís & MAGALHÃES, Marcelo de Souza. **A história na escola: autores, livros e leituras**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, pp. 151-172.

PROTO. Leonardo Venicius Parreira. SILVEIRA. João Paulo de Paula. O gênero no livro didático de História: Arranjos de Poder e Consciência Histórica. **Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais-UEG/UnU Iporã** v.1, n. 1, p.102-112 – jan/jun 2012 ISSN: 2238-3565

Recebido em Julho de 2013

Aprovado em Agosto de 2013